



## CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO RESUMO DA UNIDADE 1

**MÁRIO MISSAGIA JÚNIOR**

O homem é um animal social. Com esta afirmação Aristóteles une a espécie humana diversas outras espécies, fazendo deste ser que costumamos crer ser especial, apenas mais um a realizar sua natureza ao buscar o convívio com os seus semelhantes. Por outro lado, Aristóteles nos distinguirá dos demais animais, ao afirmar que somos um tipo particular de animal social, somos o único animal político.

Assim como as abelhas, que se reúnem para construir e manter sua colmeia e para criar as futuras gerações de abelhas, os homens se juntam em famílias, ou seja, na forma social que em nossa espécie é destinada a garantir a produção do necessário a sobrevivência. Conforme descrito no texto, a família é composta com a junção do homem e da mulher, do senhor e do escravo; pois são o homem e a mulher que vencem o tempo trazendo ao mundo uma nova geração, assim como é o senhor e o escravo que permitem criar o necessário a manutenção diária da vida. Desta forma, a mais básica das sociedades humanas é um grupo que se articula com a finalidade de perpetuar-se no tempo.

Esta finalidade, no entanto, não é o suficiente ainda que possa ser o bastante. Os homens têm condições de almejar outros fins, mas neste caso outras sociedades serão necessárias. Para concretizar esta possibilidade Aristóteles fala da vila e da cidade. A primeira delas é a associação de pessoas que se

articula para produzir elementos que para a família são impossíveis por sua complexidade e/ou dimensão. Exemplos disto podem ser encontrados em prédios públicos, em ferramentas mais sofisticadas ou em outros produtos que exijam especialização maior para sua confecção.

Por sua vez, a cidade (“polis” para usar a palavra de Aristóteles) era a sociedade destinada a maior das finalidades, aquela reservada dentre todos os animais apenas ao homem: a política. Na política – título do livro de Aristóteles - o homem é descrito como o único animal político, fato que se funda em sua capacidade falar. Para Aristóteles esta capacidade não significa apenas expressar oralmente o que vem à mente, significa a junção de duas dimensões, aquela que interpreta o mundo, o pensamento que em nossa intimidade percebemos com nossas palavras pensadas, e nossa possibilidade de transformar nossa atuação sobre o mundo, ou seja, a palavra como pensamento dito e compreendido por outros, como ferramenta da ação transformadora do homem sobre suas próprias sociedade – neste caso a polis, a sociedade destinada ao fim da política.

O que está em jogo neste texto não é apenas uma definição para sociedade. Definições, em si mesmas, são arbitrárias, são questões linguísticas. O que está em jogo é a construção de uma interpretação para o fato de que os homens vivem juntos, a construção do significado para o fato de que o ser humano compartilha sua vida com outros seres humanos.

Neste sentido, a primeira constatação que devemos fazer é que, para nosso autor, a sociedade antecede os homens. No texto é dito literalmente que o todo sem uma de suas partes faz sentido, porém o que seria de uma parte

sem todo? Nada mais que algo sem finalidade. Para entender melhor esta ideia, pense em uma formiga sozinha. Seja uma formiga soldado ou uma formiga rainha, sua existência perde a finalidade, perde mesmo qualquer possibilidade de perpetuar-se no tempo, pois suas capacidades dependem das capacidades de outras formigas que as complementem para que possam expressar seu potencial. Nenhum formigueiro existirá a partir de uma única formiga órfão, assim como nenhuma colmeia vive somente de uma rainha – ainda que possa vir a se iniciar com uma. De mesmo modo, os seres humanos quando considerados isoladamente perdem a razão de ser de sua especificidade: a política.

A falar, não se aprende sozinho, seja a fala íntima do pensar com palavras, seja a fala pública do dizer o que se pensa. Sem a família, ainda se pode enganar a morte por algum tempo, sem a vila, ainda se pode realizar coisas grandes ou elaboradas, mas sem os demais homens que dividem seu meio e local de vida conosco, de que servirão as palavras? De nada. Sem as palavras se vai a possibilidade do homem transformar os termos de sua existência, as regras que regem seu convívio, sua forma e seu meio de vida, se vai a especificidade do homem: a política. Mas sem a política o que resta ao animal político? Segundo nosso autor resta a condição de um deus ou a condição de um animal selvagem. Ambas condições inumanas.

Devemos sempre ter em mente que a realidade não fala. Nunca uma sociedade disse a Aristóteles o que ela era ou não era, foi Aristóteles que se propôs a dizer o que a sociedade é. E, assim como o filósofo de Estagira pode fazê-lo, os que o antecederam e os que o sucederam também puderam. Para

se lançar nesta empreitada os interpretes das sociedades utilizaram palavra, palavras que para chegar a nós foram passadas de idioma para idioma, sendo adequadas as especificidades dos significados das palavras tal qual os usuários das línguas as entendiam.

Assim como lemos o texto de Aristóteles para compreender sua percepção a respeito do fato de que os homens vivem juntos, lemos o texto de Hobbes. A grande diferença que percebemos no texto destes dois autores indica a distância de suas consciências e de seus mundos. Ambos, ao contemplar os mundos que os rodeavam, perceberam que os homens viviam juntos, mas cada um dos autores percebeu este fato de forma distinta.

Enquanto Aristóteles partiu dos grupos unidos por finalidades – das sociedades – Hobbes partiu dos indivíduos. Ao negar, logo de início, a natural tendência do ser humano a socialização identificada por Aristóteles, o autor inglês se pergunta: por que este indivíduo buscou o grupo? Por quanto tempo ele permanecerá neste grupo? Não só as respostas que ele dará a estas perguntas, mas o próprio fato de tê-las feito, ou seja, de ter buscado a razão de ser do grupo no motivo de indivíduo para buscar integrá-lo, já demonstra que Hobbes parte dos indivíduos para explicar as sociedades e, desta forma, toma um caminho totalmente inverso aquele feito por Aristóteles.

Uma vez que se faz esta segunda opção, que se olha para a motivação do indivíduo como causa da criação e manutenção dos grupos, tudo passa a se subordinar a seus interesses, a lógica privada. Por que permanecer junto a outros homens? Porque se tem algo a ganhar com isto. Por quanto tempo

durará este convívio? Pelo tempo que durar o benefício ou a expectativa de um novo benefício. Se tomarmos esta lógica como ponto de partida, raras serão as sociedades duradoura, até porque estas terminarão por reproduzir dentro de si a disputa que se tem fora delas, pois o benefício gerado pela união deverá ser repartido, o que levará a disputas internas. Desta forma o autor inglês é claro ao mostrar que quando em grupos, os homens se esforça por difamar os ausentes e, por vezes, até os presentes, mesmo que isto não traga outro benefício que uma glória momentânea e por isto mesmo vã.

Se tal é a natureza do homem que não há lugar para princípios ou responsabilidades, mas apenas para interesses, qual seria o interesse capaz de sustentar grupos unidos por um longo período? Segundo o autor apenas o medo recíproco – entendido como a expectativa de um mal futuro – poderia dissuadi-los da perspectiva de um ganho presente. Em outras palavras: a mesma possibilidade que tenho de me beneficiar exercendo minha vontade sobre os outros é a de que outros se beneficiem sobre mim, me prejudicando, logo, minha chance de ganhar é contrabalanceado pela chance de perder, fazendo minha ganância ser refreada pelo medo, o que me leva a buscar garantias. Estas garantias podem existir na forma de sociedade, de uma associação que se mantenha unidas e servido de garantia conta o mal maior que seria a exposição ao risco da liberdade; não é nem preciso mencionar que tal tipo de sociedade se vê garantida apenas sobre a sombra do mais forte.

Nas linhas que passaram buscamos demonstrar como as visões de Aristóteles e Hobbes são distintas, como elas, ao olharem para o mesmo fato,

percebem coisas diferentes. Aristóteles olha os homens juntos e percebe como cada indivíduo é preterido por seu grupo, como a sua razão de ser se encontra neste. Hobbes, ao se deparar com o mesmo fato busca seu fundamento no homem, entendido isoladamente, ou seja, busca isolar o indivíduo a fim de perceber sua motivação, vendo o próprio grupo como uma decorrência deste e, portanto, tomando o indivíduo isolado como alicerce.

Com base nesta distinção podemos nos fazer uma pergunta: como seria percebida a educação para Aristóteles? Segundo os textos que lemos (no livro cinco da Política) a função da educação seria preparar as futuras gerações para ocupar os seus lugares nas diversas sociedades. Na família a educação se dá pelo convívio com os familiares, na vila, com os vizinhos, mas na cidade esta é uma questão importante, e que deve ser considerada pelo legislador.

Sendo esta uma questão da polis, uma questão mesmo de fundamento das condições futuras da vida política, passa a ser uma questão pública e, sendo os cidadãos iguais perante a polis (aquilo que lhes é comum), devem eles receber uma educação básica. Esta educação proposta por Aristóteles seria coletiva, pois seria não só a mínima para todos os cidadãos, mas também ministrada em conjunto, o que marca mais uma vez a questão da precedência do todo sobre as partes.

Quando confrontamos esta questão com a interpretação hobbesiana da vida humana um choque ocorre. Seria possível para o homem interpretado a moda de Hobbes um processo educativo como este proposto por Aristóteles? A resposta é fatalmente não. Em um mundo onde as

coletividades derivam da busca de ganhos individuais se poderia pensar na coletividade sustentando instituições destinadas a educar as futuras gerações? Não. Para Hobbes a educação, assim como tudo mais, é uma questão individual que se justifica pela vontade do indivíduo de querer algum ganho, algum benefício; daí a educação não tocar ao público, mas ao privado.

Nas páginas que lemos de Hobbes nenhuma linha foi escrita sobre educação. Nas páginas que se seguiram a estas – ou mesmo nas páginas de outras obras deste autor – pequeno foi o espaço dedicada a educação. No geral, o tema é mencionado apenas para falar do perigo que seria ensinar ideias que pudessem colocar em risco a comunidade, ou seja, não há um caráter propositivo, mas apenas de cuidado e zelo para que a educação não seja uma ameaça a vida política, de resto, fica valendo a vontade de cada indivíduo.

Com este texto buscamos tornar mais claras as diferenças entre as interpretações de Aristóteles e Hobbes a respeito do fato de que os homens vivem juntos, assim como mostrar suas possíveis implicações para a questão pedagógica. Para tornar mais claras estas questões no texto, sugerimos a leitura conjunta do mesmo, discutindo com os colegas o significado de cada parágrafo e suas possíveis implicações para a percepção dos homens, de sua vida conjunta e das possibilidades de uma proposta educativa.